

Os fragmentos dos *Olímpicas* de Descartes

Tradução, introdução e notas de Ana Cláudia Teodoro Sousa

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
teodoro.claudia.ana@hotmail.com

Introdução

René Descartes, em sua juventude, registrou diversas reflexões e catalogou muitas pesquisas científicas. Essas anotações, feitas entre 1619 e 1621, estavam em um único diário que, infelizmente, ficou perdido por muitos anos. Nesse período, a existência e o conteúdo desse caderno eram conhecidos apenas através das anotações de Adrien Baillet, biógrafo de Descartes que teve acesso direto ao manuscrito. Além disso, era sabido que Gottfried Leibniz escrutinou os documentos de Descartes em 1676, quando esteve em Paris, fazendo cópias de algumas notas e fragmentos que lhe chamaram atenção (AT X, 207-208¹). No século XIX, Foucher de Careil encontrou as transcrições realizadas por Leibniz na Biblioteca de Hanôver e as publicou em dois volumes, entre 1859 e 1860, sob o título *Cogitationes Privatae*. A reprodução feita por Leibniz não é completa nem organizada. No entanto, comparando os *Cogitationes Privatae* (AT X, 213-248), o *Inventário* de Estocolmo (AT X, 5-14) e o que foi conservado por Baillet (1691), é possível reconstruir o conteúdo do manuscrito da juventude, bem como suas seções e tópicos. Esse trabalho foi realizado por Adam e Tannery (Descartes, 1897-1913), Sirven (1928), Gouhier (1958) e, mais recentemente, por Carraud e Olivo (Descartes, Carraud & Olivo, 2013) e Beyssade e Kambouchner (Descartes, 2016).

Os *Olympica* provavelmente correspondem à seção mais debatida e analisada do manuscrito da juventude de Descartes. Isso se deve principalmente ao fato de seu conteúdo parece corresponder, ao menos historicamente, à narração autobiográfica que Descartes faz na Segunda e Terceira Partes do *Discurso do Método*. Nessa obra, o autor faz um exame

¹ As passagens de Descartes utilizadas neste trabalho seguem a edição de referência editada por Ch. Adam e P. Tannery: *Œuvres* (abreviadas como AT, seguido do número do volume e da página).

retrospectivo e reestruturado das origens de sua filosofia². Nesse sentido, os *Olympica* surgem como um “testemunho contemporâneo” das origens do cartesianismo no geral e da formação do método em particular (Kennington, 1961, pp. 172-173). Normalmente, acredita-se que os *Olympica* são compostos de duas partes distintas, presentes no tomo X da edição de referência estruturada por Adam e Tannery. Primeiramente, temos a narração feita por Baillet dos três sonhos que Descartes experienciou na noite de 10 para 11 de novembro de 1619. Após essa parte narrativa, seguem-se nove fragmentos copiados por Leibniz. Esses fragmentos discorrem sobre “as coisas do Olimpo” (tradução literal de *Olympica*) e, aparentemente, foram escritos pelo jovem filósofo a partir de sua experiência onírica. Oferecemos, nesta ocasião, uma tradução desses fragmentos³. Acreditamos que essa tradução será de grande valia para que pesquisadores e estudiosos brasileiros da filosofia moderna e do cartesianismo possam compreender de forma mais completa como Descartes lidou com seus sonhos e os interpretou. Como se sabe, segundo o filósofo, esses sonhos foram determinantes para que ele escolhesse o caminho que ele deveria seguir em sua vida.

² No *Discurso*, o autor relata que, devido ao inverno, foi obrigado a se refugiar em um lugar afastado na Alemanha (*quartier* ou *poêle*, cf. Rodis-Lewis, 1996, p. 53), onde encontrou tranquilidade e pôde dedicar todo o seu tempo aos próprios pensamentos. Isso o levou a elaborar as máximas do seu método e de sua moral provisória (AT VI, pp. 11-28; AT X, pp. 180-181).

³ Agradeço à (ao) parecerista pela revisão e valiosas sugestões.

(I) “Ut imaginatio utitur figuris ad corpora concipienda, ita intellectus utitur quibusdam corporibus sensibilibus ad spiritualia figuranda, ut vento, lumine: unde altius philosophantes mentem cognitione possumus in sublime tollere.

Mirum videri possit, quare graves sententiae in scriptis poetarum, magis quam philosophorum. Ratio est quod poetae per entusiasmum et vim imaginationis scripsere: sunt in nobis semina scientiae, ut in silice, quae per rationem a philosophis educuntur, per imaginationem a poetis excutiuntur magisque elucent.”

(II) “Dicta sapientum ad paucissimas quasdam regulas generales possunt reduci.”

(III) “Ante finem Novembris Lauretum petam, idque pedes e Venetiis, si commode et moris id sit; sin minus, saltem quam devotissime ab ullo fieri consuevit.

Omnino autem ante Pascha absolvam tractatum meum, et si librarium mihi sit copia dignusque videatur, emittam, ut hodie promisi, 1620, die 23 Febr.”

(IV) “Una est in rebus activa vis, amor, charitas, harmonia.”

(V) “Sensibilia apta concipiendis Olympicis: ventus spiritum significat, motus cum tempore vitam, lumen cognitionem, calor amorem, activitas instantanea creationem. Omnis forma corporea agit per *Seiscentos*, Rio de Janeiro, n° 4, 2024, f50130

(I) “Assim como a imaginação utiliza imagens para conceber os corpos, da mesma forma o intelecto utiliza certos corpos sensíveis, como o vento, a luz, para figurar o que é espiritual: assim, filosofando profundamente, podemos elevar nossa mente ao sublime pelo conhecimento.

Pode parecer surpreendente que os pensamentos profundos sejam mais encontrados nos escritos de poetas do que nos de filósofos. A razão para isso é que os poetas escrevem pelo entusiasmo e pela força da imaginação²: há em nós sementes do conhecimento, como em um sílex³, que são retiradas a partir da razão pelos filósofos, e a partir da imaginação são escrutinadas pelos poetas; e essas últimas brilham mais.”⁴

(II) “As máximas dos sábios podem ser reduzidas a um número ínfimo de regras gerais.”⁵

(III) “Antes do fim de novembro eu irei a Loreto a pé, a partir de Veneza, caso isso seja conveniente e habitual⁶; caso contrário, pelo menos farei o que é costumeiro pelo mais devoto.

Em todo caso, antes da Páscoa terminarei meu tratado⁷, e se me for possível ter com os livreiros e se o tratado parecer digno a eles, publicarei, como eu o prometi hoje, 23 de fevereiro de 1620.”

(IV) “Existe nas coisas uma única força ativa: o amor, a caridade, a harmonia.”⁸

(V) “As coisas sensíveis são adequadas para conceber as coisas mais altas (*Olympicis*): o vento significa o espírito⁹; o movimento ao longo do tempo, a vida; a luz, o conhecimento; o calor, o amor; a atividade

harmoniam. Plura humida quam sicca, et frigida quam calida, quia alioqui activa nimis cito victoriam reportassent, et mundus non diu durasset.”

(VI) “Deum separasse lucem a tenebris, Genesi est separasse bonos angelos a malis, quia non potest separari privatio ab habitu: quare non potest litteraliter intelligi. Intelligentia pura est Deus.”

(VII) “Tria mirabilia fecit Dominus: res ex nihilo, liberum arbitrium, et Hominem Deum.”

(VIII) “Cognitio hominis de rebus naturalibus, tantum per similitudinem eorum quae sub sensum cadunt: et quidem eum verius philosophatum arbitramur, qui res quaesitas felicius assimilare poterit sensu cognitis.”

(IX) “Ex animalium quibusdam actionibus valde perfectis, suspicamur ea liberum arbitrium non habere.”

instantânea, a criação. Toda forma corpórea age conforme a harmonia. Há mais partes úmidas do que secas, e mais partes frias do que quentes, porque, caso contrário, as partes ativas obteriam a vitória rapidamente, e o mundo não teria durado muito tempo¹⁰.”

(VI) “Deus separou a luz das trevas¹¹ significa, no Genesis, que separou os anjos bons dos maus, porque uma privação não pode ser separada de uma condição: por isso não se pode compreendê-lo literalmente¹². Deus é pura inteligência¹³.”

(VII) “O Senhor fez três maravilhas: as coisas a partir do nada, o livre-arbítrio e o Homem-Deus.”¹⁴

(VIII) “O conhecimento humano das coisas naturais só se dá por meio da semelhança com aquelas coisas que caem sob os sentidos: e consideramos mais verdadeiramente filósofo aquele que poderá assimilar com maior sucesso as coisas procuradas àquelas que são conhecidas pelos sentidos.”

(IX) “A perfeição extrema de certas ações dos animais nos faz suspeitar de que eles não têm livre arbítrio.”

Notas da tradução:

¹ O texto original se encontra em AT X, p. 217 (l. 12) - 219 (l. 4). A ortografia foi modernizada. Seguimos a segmentação dos fragmentos dos *Cogitationes Privatae* realizada por Gouhier (1958) e Sirven (1928). Os trabalhos de Beyssade e Kambouchner (2016), bem como de Carraud e Olivo (2013), trazem uma compilação ligeiramente distinta desta que apresentamos aqui.

² Cesare Vasoli (1999, p. 202) explicita que esse é um lugar comum do platonismo renascentista que Descartes certamente tinha contato.

³ Na narrativa de Baillet é dito que “la force de l’imagination, qui fait sortir les semences de la sagesse (qui se trouve en tous les hommes, comme des étincelles de feu dans les cailloux)” (Baillet I, p. 84) A imagem das sementes do pensamento e sua comparação com as faíscas de fogo em um sílex tem origem estoica e já foi sublinhada e explicitada por alguns intérpretes da filosofia cartesiana. Cf. Gilson, 1967; Gouhier, 1958, 93-94.

⁴ A segunda parte desse fragmento é incorporada por Baillet à narrativa do terceiro sonho de Descartes (Baillet I, p. 84; AT X, p. 184).

⁵ O *Discurso do Método* irá condensar quatro máximas de um método científico universal e três máximas de uma moral provisória (AT VI, pp. 18-19; pp. 22-31).

⁶ A distância de Veneza a Loreto é de cerca de 300 quilômetros. A peregrinarem a Loreto se tratava de uma tradição habitual dos devotos cristãos, tendo sua origem no século XV. Certamente, Descartes conhecia o livro do padre jesuíta Richeome, *Le Pèlerin à Lorette* (1604), que convocava seus leitores a fazer a peregrinarem pacientemente até Loreto. Cf. Rodis-Lewis, 1996.

⁷ A natureza desse texto é bastante discutida e, até hoje, não há um consenso sobre qual seria esse tratado planejado por Descartes em fevereiro de 1620. Acreditamos, junto com Gilson (Descartes, 1987, p. 180), que se trata do *Studium Bonae Mentis*.

⁸ Segundo Gouhier (1958, p. 83), Descartes intencionava dizer que o amor guia o reino animal, a caridade seria a força ativa no mundo das almas e a harmonia regeria o cosmos.

⁹ Como nota Gouhier (1958, pp. 100-102), essa equivalência é pouco inovadora, já que no *Genesis* (I, 2) já existe uma identificação entre o vento e o espírito, assim como todas as outras identificações que se seguem no fragmento.

¹⁰ Lugar comum na medicina antiga (Vasoli 1999, p. 198). Ideia também invocada no *Genesis* (I, 9-11).

¹¹ *Genesis* I, 4.

¹² Cf. Gouhier, 1958, p. 96; Sirven, 1928, pp. 145-146. Como Rodis-Lewis (1995, p. 71) argumenta, “as trevas são uma noção negativa, simples privação da luz, o que exclui uma interpretação literal”.

¹³ Ou: “A inteligência pura é Deus”. Cf. Rodis-Lewis, 1995, p. 71; Sirven, 1928, p. 145.

¹⁴ Chama a atenção que Descartes sublinhe três maravilhas que estão em um intermédio entre a perfeição e infinitude divina e a finitude e fraqueza humana. Cf. AT IV, 608-609; AT XI, 452-453.

Referências bibliográficas

- BAILLET, A. *La Vie de Monsieur Descartes*, 2 vols. Paris : D. Horthemels, 1691.
- DESCARTES, René. *Discours de la Méthode*. Texte et commentaire par Étienne Gilson. Paris : J. Vrin, 1987.
- DESCARTES, R. *Œuvres*. Ed. Ch. Adam e P. Tannery, 11 vols. Paris : Léopold Cerf, 1897-1913.
- Descartes, R. *Œuvres complètes : I Premier écrits ; Règles pour la Direction de l'esprit*. Ed. J-M Beyssade e Denis Kambouchner. Paris : Gallimard, 2016.
- DESCARTES, R; CARRAUD, V.; OLIVO, G. *Études du bon sens, La recherche de la vérité et autres écrits de jeunesse*. Paris: PUF, 2013.
- GILSON, É. *Études sur le rôle de la pensée médiévale dans la formation du système cartésien*. Paris : J. Vrin, 1967.
- GOUHIER, H. *Les Premières pensées de Descartes : Contribution à l'Histoire de l'Anti-Renaissance*. Paris : J. Vrin, 1958.
- KENNINGTON, R. "Descartes "Olympica"", *Social Recherche*, 28/2, 1961, pp. 171- 204.
- RICHEOME, L. *Le Pèlerin de Lorette. Vœu à la glorieuse Vierge Marie Mère de Dieu pour Monseigneur le Dauphin*. Bordeaux : S. Millanges, 1604.
- RODIS-LEWIS, G. *Descartes: uma biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SIRVEN, J. *Les années d'apprentissage de Descartes (1596-1628)*. Albi : Imprimerie Coopérative du Sud-Ouest, 1928.
- VASOLI, C. 1999. « Le rapport entre les *Olympica* et la culture de la Renaissance », in : FAYE, E. (ed.). *Descartes et la Renaissance*, Paris : Champion, pp. 187-208.